

Japão à beira da catástrofe nuclear

Drama. Falhas em três centrais: a mais grave é na de Fucoxima 1. Nesta altura, 20 mil pessoas são dadas como desaparecidas

PATRICIA VIEGAS

Tremor de terra, tsunami, centenas de mortos e milhares de potenciais desaparecidos, falhas graves no funcionamento de pelo menos três centrais nucleares, erupção de um vulcão. O Japão vive aquilo que o primeiro-ministro Naoto Kan ontem classificou como "a sua pior crise desde a II Guerra Mundial".

O país está alerta para a hipótese de novo sismo de escala 7, depois do tremor de terra de 8,9 e do tsunami de sexta-feira, que matou pelo menos 1596 pessoas. Número que pode aumentar, dado que há pelo menos 20 mil desaparecidos.

Neste momento, o que mais preocupa os japoneses é uma eventual catástrofe nuclear, que só encontraria precedentes nos bombardeamentos atômicos de Hiroxima e Nagasáqui. Isto porque, após o abalo e o tsunami, registaram-se problemas de refrigeração em três reatores da central nuclear de Fucoxima 1, 270 quilómetros para Noroeste de Tóquio, mas também na central Tokai 2, 120 quilómetros para Norte. Num terceira central, de Onagawa, foi decretado o estado de emergência por fuga radioactiva.

No sábado houve uma explosão por excesso de hidrogénio no edifício do reactor número 1 da central de Fucoxima 1, depois de os sistemas de refrigeração das pastilhas de combustível nuclear terem falhado todos: primeiro por causa da falta de electricidade, depois porque o sistema de emergência movido a *diesel* avariou.

As autoridades usam agora água bombeada do mar e líquido trazido por técnicos estrangeiros para arrefecer as pastilhas de combustível do reactor. Ao ficar sem refrigeração o reactor pode sobreaquecer e as pastilhas fundir-se a temperaturas até aos dois mil graus. O aquecimento pode ser tal que o material radioactivo é libertado para o exterior e contamina tudo à volta.

A situação no reactor 1 foi classificada de grau 4 na escala da Agência Internacional de Energia Atómica. No mesmo dia o reactor 3 apresentou problemas semelhantes de refrigeração e ontem foi a vez do reactor 2. Mediante este cenário, o raio de evacuação à volta da Fucoxima 1 foi estendido para 20 km, levando 200 mil pessoas a deixar as suas casas. A ansiedade é muita, para ver se os técnicos conseguem ou não arrefecer os reatores. "Estas são horas de terror e de uma verdadeira corrida contra o tempo. Se conse-

"São horas de terror", diz a eurodeputada Graça Carvalho



Uma mulher procura o cadáver do marido entre destroços de todo o género em Minamisanriku

NÍVEIS DE ALERTA

NÍVEL 1

► **Anomalia** é o primeiro nível da Escala Internacional de Acidentes Nucleares e Radiológicos

em Valdehalls 1 (Espanha)

NÍVEL 4

► **Acidente de alcance local** como é, para já, o de Fucoxima 1

NÍVEL 2

► **Incidente** vem a seguir

NÍVEL 5

► **Acidente fora de área** como foi o de Three Mile Island em 1979

NÍVEL 3

► **Incidente importante** como o de 1989

NÍVEL 6

► **Acidente importante** como o de Kyshtym, na Rússia, em 1957

NÍVEL 7

► **Acidente grave** como de 1986 na central de Chernobil, na Ucrânia, então parte da URSS

guiem arrefecer, poderiam travar a central e desmantelá-la. Mas caso contrário poderia haver uma fusão e uma explosão. Isso seria, tal como foi Chernobil, um retrocesso para a energia nuclear", disse ontem em declarações ao DN Maria da Graça Carvalho, que integra a comissão de energia do Parlamento Europeu e trata de questões de segurança nuclear.

Especialistas russos lembraram que Fucoxima e Chernobil não seriam casos iguais, pois nos reatores japoneses não há grafite, ao contrário dos ucranianos. Foi isso que fez com que Chernobil ardesse durante vários dias em 1986. E a

CONSEQUÊNCIAS

ACALMAR MERCADOS

► **Numa operação** de emergência, o Banco do Japão (BJ) deverá hoje injectar dezenas de milhares de milhões de ienes nos mercados para garantir a sua estabilidade e diminuir as tensões geradas pelo sismo. A realizar-se, esta será a maior operação financeira realizada num só dia desde que em Maio do ano passado o BJ decidiu intervir para acalmar o nervosismo provocado pela dívida grega nos mercados, através de uma injeção de capital.

PREJUÍZOS DE 100 MIL MILHÕES

► **AIR Worldwide e a Egecat**, duas empresas norte-americanas de avaliação de riscos de catástrofes naturais, declararam ontem que o impacto do terramoto, do tsunami e da ameaça nuclear poderão custar no mínimo cem mil milhões de dólares (71 mil milhões de euros) à economia do Japão. E que os prejuízos com casas destruídas que tinham seguros poderão custar às companhias 34,6 milhares de milhões de dólares (24,9 milhares de milhões de euros).

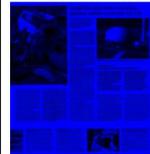
PROPOSTA INSÓLITA

► **O líder** ultranacionalista russo Vladimir Jirinovski deu ontem uma sugestão ao Governo de Moscovo: propor ao Japão que transfira os seus habitantes para os vastos territórios russos desocupados para evitar uma "catástrofe humanitária". "Nós temos muito espaço para empregar mãos e cérebros, principalmente japoneses", declarou Jirinovski, há muito conhecido pelas suas declarações insólitas. "Há uma ameaça de desaparecimento do Japão num futuro próximo", afirmou.

CORRIDA ÀS GASOLINEIRAS

► **As filas de trânsito** para encher os depósitos dos carros chegam a atingir vários quilómetros em Tóquio. O acesso à capital foi severamente afectado pelo sismo, prejudicando o reabastecimento de bens. O abalo de sexta-feira provocou uma corrida aos supermercados na capital, que ficaram com as prateleiras completamente vazias. Apesar das réplicas que ainda se fazem sentir, a cidade de 13 milhões de habitantes começa agora a regressar à normalidade.





Tragédia japonesa relança debate sobre centrais na UE

CRÍTICAS Merkel e Zapatero instados a mudar política nuclear. Áustria quer testes de resistência às centrais nucleares da UE

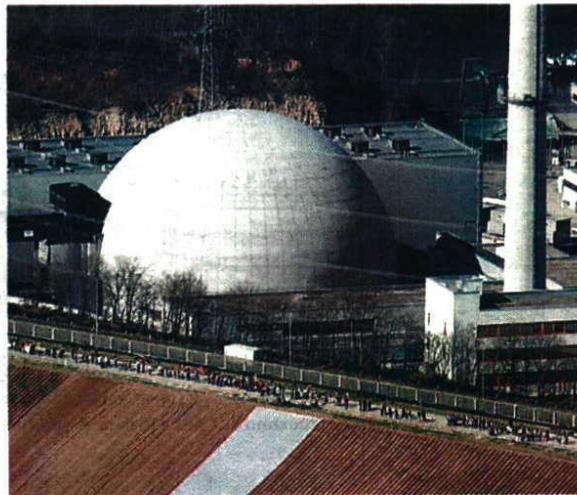
A crise nuclear no Japão relançou o debate sobre as centrais nucleares nos países da União Europeia e atingiu pelo caminho os líderes da Alemanha e da Espanha, que muito recentemente abriram espaço para o prolongamento de centrais nucleares que deveriam ser desativadas.

Angela Merkel resolveu reunir um gabinete de crise para avaliar a situação na Alemanha, depois de no sábado 50 mil pessoas terem protestado contra a sua política para o nuclear no estado de Baden-Württemberg, onde dia 27 há eleições regionais. Os manifestantes formaram um cordão de 40 quilómetros entre Estugarda e a central de Neckarwestheim.

No seu segundo Governo de coligação com os liberais, a chanceler conservadora decidiu em 2009 prolongar o tempo de vida dos 17 reactores nucleares da Alemanha, revogando assim a intenção de os desmantelar até 2020. Essa meta tinha sido aprovada durante o Governo de coligação entre os sociais-democratas e os Verdes, liderado por Gerhard Schroeder.

"Após este acidente que aconteceu num país altamente industrializado, como o Japão, na Alemanha não podemos passar simplesmente à ordem do dia", admitia a chanceler alemã, que foi citada pela AFP. A imprensa do país titilou ontem: "Angústia Nuclear", "Explosão de Medo".

José Luis Rodríguez Zapatero, que na campanha para as eleições legislativas de 2004 e de 2008 prometeu fechar as seis centrais nucleares de Espanha, foi ontem desafiado pela Greenpeace a cumprir a sua palavra. Em 2009, o seu Governo socialista renovou por dois anos a licença da central de Garoña, no Norte de Espanha. No



Central nuclear alemã de Neckarwestheim, alvo de protestos

ESTRANGEIROS

Portuguesa desaparecida em Sendai

» O embaixador português em Tóquio disse à Lusa que pediu ajuda ao Governo japonês e à Cruz Vermelha para localizar uma portuguesa desaparecida na zona de Sendai. Ao DN, fonte da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas disse apenas que ela "ainda não foi localizada". Portugal está entre os países

que ontem desaconselharam viagens para o Japão. A França pediu mesmo aos franceses em Tóquio que saiam, devido ao alarme nuclear. Lisboa ainda não deu ordem semelhante porque "a situação ainda não se colocou", disse a mesma fonte ao DN, indicando que 75% dos 500 portugueses já foram contactados.

Greenpeace lembrou que ao contrário do que acontecia nessa altura os reactores japoneses são revestidos a betão armado, para aguentar o choque de um avião e evitar fugas em caso de avaria. Mas o combustível de Fucoxima 1, em particular o do reactor 3, resulta de uma conjugação de urânio com plutónio e é muito tóxico, indicou uma organização não governamental de França.

"Não existem esses riscos, mas existem outros e as consequências serão sempre gravíssimas. O reactor de Chernobil era de água pressurizada e este é de água em ebulição; na origem do primeiro caso

houve falha humana, no segundo catástrofe natural; mas o que pode acontecer com a falha no arrefecimento é idêntico", avisa Maria da Graça Carvalho. A eurodeputada diz que o Japão, não tendo energias fósseis nem muito espaço para energias renováveis, assumiu o risco das centrais nucleares para alimentar as grandes necessidades energéticas da sua indústria. Mesmo em zonas sísmicas. "Estas centrais eram à prova de sismo 8.2, mas o de sexta-feira foi de 8.9". E se uma nuvem radioactiva for libertada? A responsável diz que "Portugal está suficientemente longe para ser afectado".

ano passado, a de Almaraz, que é arrefecida com água do rio Tejo e fica a apenas 307 km da fronteira com Portugal, também teve a sua licença prolongada até 2020.

"É óbvio que com esta crise financeira decidam prolongar o tempo de vida das centrais, pois a energia sai mais barata para os países que já as têm instaladas. Mas isso aumenta também os riscos, que devem ser controlados, com medidas para os reduzir", disse ao DN Maria da Graça Carvalho, especialista em energia.

A eurodeputada portuguesa considera por isso positiva a proposta do Governo austríaco, no sentido de as centrais dos países europeus comecem a ser submetidas a testes de resistência, como se faz agora para os bancos em tempos de crise financeira. "É de repensar o funcionamento das centrais mais antigas. Esse é o maior perigo, uma vez que na Europa não há muitas centrais em zonas de risco sísmico. Portugal, como tem muitas zonas dessas, não tem centrais nucleares".

SALVO APÓS DOIS DIAS NO MAR

» Um japonês de 60 anos que viu a sua casa ser arrastada pela força das águas esteve a flutuar no mar durante dois dias até ser resgatado. Hiromitsu Shinkawa sentou-se em pedaços de madeira e foi agitando uma bandeira vermelha para chamar a atenção dos helicópteros e navios que passavam. Contudo, só depois de dois dias a flutuar é que este sobrevivente foi ontem descoberto a 15 quilómetros da costa japonesa e salvo pelos socorristas.

HONXU MOVEU-SE 2,4 METROS

» A principal ilha do arquipélago do Japão, Honxu, deslocou-se 2,4 metros com o violento sismo de magnitude 8,9, que na sexta-feira abalou o país, mostram imagens de satélite da NASA e cálculos feitos pelo Serviço Geológico dos Estados Unidos. Honxu é onde fica a capital japonesa de Tóquio. O terramoto, que foi cem vezes mais violento que o do Haiti, em Janeiro de 2010, também deslocou o eixo da terra em dez centímetros, segundo o Instituto de Geofísica de Itália.

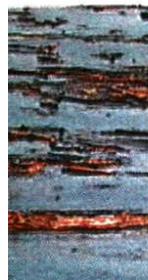


100 MIL MILITARES MOBILIZADOS

» 40% das Forças Armadas japonesas foram mobilizadas para as operações de salvamento após o sismo de sexta-feira, o perfaz cem mil militares. Várias equipas estrangeiras foram enviadas para o Japão por países como o Reino Unido ou os Estados Unidos. A câmara de Tóquio disponibilizou de imediato para a zona 44 mil doses de bolachas, 643 mil de arroz, 57 mil unidades de leite condensado, 384 mil cobertores e nove mil casas de banho portáteis.

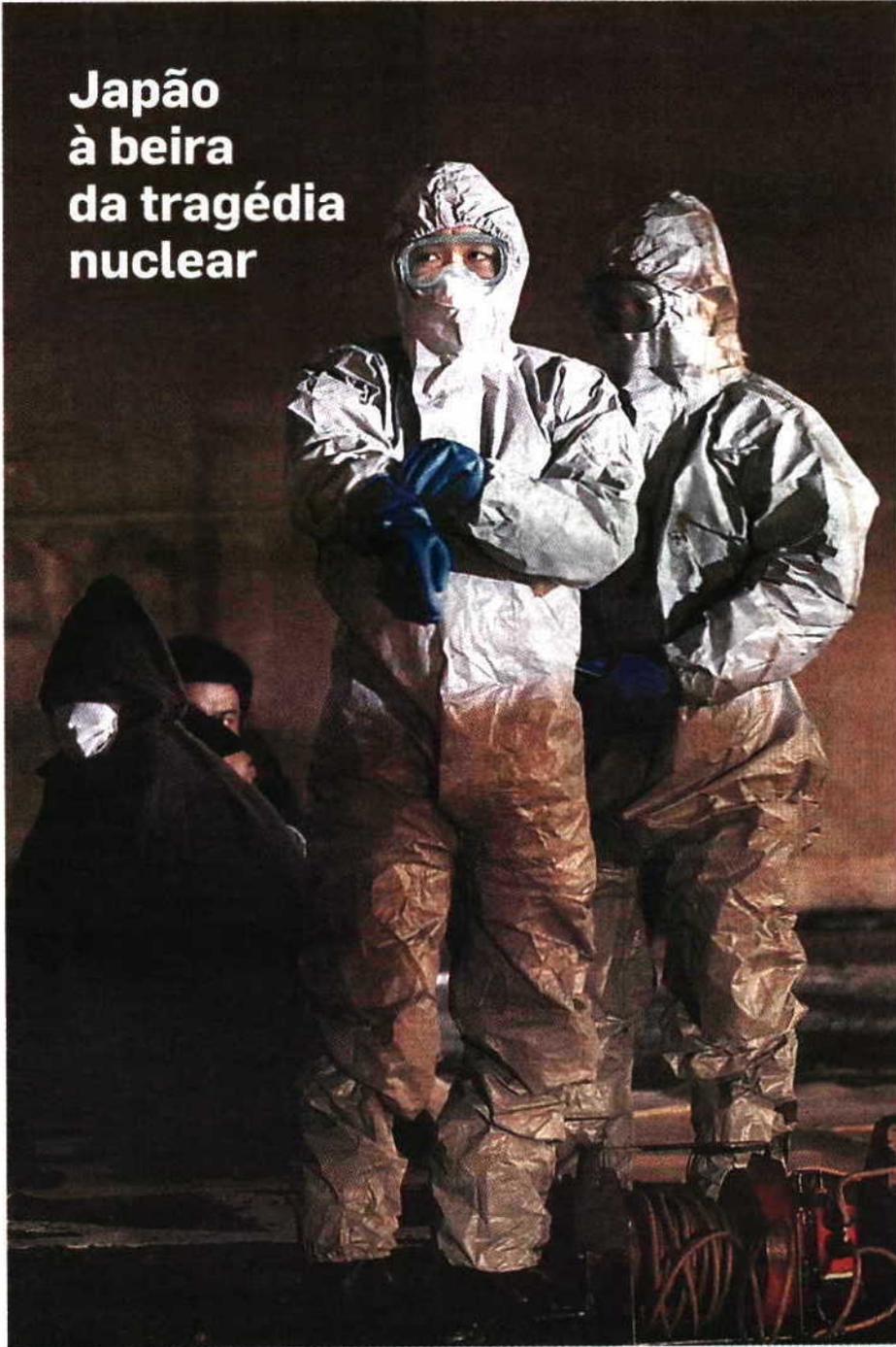


KYODO/REUTERS



REUTERS

Japão à beira da tragédia nuclear



KIM KYUNG-HOON/REUTERS

CATÁSTROFE O Japão vive o seu pior momento desde a II Guerra Mundial. O sismo, de 8,9 na escala de Richter, e o tsunami que se lhe seguiu provocaram falhas técnicas em três centrais nucleares e fizeram mais de 1500 mortos e cerca de vinte mil desaparecidos. **GLOBO** PÁGS. 32 E 33